

Clube da Esquina II: análise da canção de luta política

Durante a Ditadura Militar no Brasil, um grupo trouxe esperança e poesia aos corações dos brasileiros sonhadores. Era o **Clube da Esquina**, formado em Minas Gerais por vários músicos que tentaram, pela música, lutar pelos seus ideais.



Créditos: Divulgação

Uma de suas composições mais importantes é *Clube da Esquina II*. **Com forte teor político, a sua mensagem é de clara oposição ao regime ditatorial da época no Brasil**, mas ela também pode ser aplicada a vários contextos de repressão e perda de direitos ao redor do mundo. Se você viveu esse período ou é fã do Clube da Esquina, com certeza já se encantou com a letra e a melodia de *Clube da Esquina II*, então, chegou a hora de conferir a nossa análise completa da canção.

Clube da Esquina II: análise da música

Clube da Esquina II, Clube da Esquina 2 ou simplesmente Clube 2 foi lançada pela primeira vez em 1972, período em que o Brasil completava quase 10 anos de regime militar. Naquela época, **apesar da censura das produções artísticas, os músicos continuaram a escrever letras que falavam de esperança e luta pelos direitos** do povo brasileiro.

Contexto de criação e lançamento

Milton Nascimento e Lô Borges compuseram a melodia de *Clube da Esquina II* e a lançaram como uma faixa instrumental no álbum mais importante do grupo, chamado *Clube da Esquina*. Para os músicos, **a canção não precisava de letra e já estava completa daquele jeito**.

Apesar disso, a cantora **Nana Caymmi**, depois de ouvi-la, resolveu pedir ao integrante **Márcio Borges** que escrevesse uma letra. A ideia era incluir a música em seu próximo disco, que seria gravado em breve. Como já existia outra canção, de 1970, com o título de *Clube da Esquina*, o compositor resolveu intitulá-la *Clube da Esquina II*.

Detalhes sobre a melodia

Quando começamos a entrar em contato com a melodia de *Clube da Esquina II*, antes mesmo de ouvir a letra, **difícilmente imaginamos que se trata de uma canção de resistência contra um regime ditatorial**. A harmonia em tom maior, reforçada pelo piano, **traz calma e beleza à canção, que nos remete a uma viagem de carro ou de ônibus**, passando pelas estradas com paisagens poéticas do Brasil. Uma espécie de *road trip*, embalada pelo som suave do grupo. Como a letra menciona o aço e os gases lacrimogênicos, era de se esperar que sentíssemos uma contradição entre esses dois elementos da música. Afinal, como uma melodia tão serena pode tratar de temas tão pesados? Porém, **essa tranquilidade traz a calma necessária para lidar com toda a truculência da Ditadura Militar e nos remete a uma juventude sonhadora, indomável, que não tem medo de ir à luta**.



Artistas em protesto contra a ditadura militar / Créditos: Divulgação

Assim, a melodia de *Clube da Esquina II* é capaz de nos transmitir também calma e esperança, com um certo grau de melancolia.

Análise das estrofes

O que quer dizer a música *Clube da Esquina II*? Descubra a seguir, com a nossa análise, estrofe a estrofe, da criação de Milton Nascimento, Lô Borges e Márcio Borges.

Porque se chamava moço

Também se chamava estrada

Viagem de ventania

Nem lembra se olhou pra trás

Ao primeiro passo aço aço aço

Durante a censura às artes, imposta pela Ditadura Militar, **os letristas precisavam criar metáforas para expressar os seus sentimentos de revolta e tristeza** em relação à política e às questões econômicas e sociais

do Brasil. Pensando nisso, podemos perceber que **o moço ao qual se refere Márcio Borges é qualquer cidadão brasileiro, que continua a seguir o seu caminho durante esse período histórico.** Mais precisamente, traz a ideia de um jovem, que carrega dentro de si a audácia da juventude.



Créditos: Divulgação

Ao primeiro passo, ou seja, a qualquer escolha que o moço fizesse em sua vida, poderia se deparar, de forma inesperada, com repressões em forma de armas de fogo, representadas metaforicamente pela palavra *aço*. **Ela se repete três vezes no último verso, trazendo mais ênfase para esse instrumento que silencia e enfraquece.**

*Porque se chamava homem
Também se chamavam sonhos
E sonhos não envelhecem
Em meio a tantos gases
Lacrimogênios ficam calmos calmos calmos*

E lá se vai mais um dia

Embora fosse difícil se manter firme às suas convicções, as pessoas continuavam a seguir os seus objetivos e os seus ideais, como se necessitassem deles para permanecer existindo. Por isso, chamavam-se homens, mas *também se chamavam sonhos*.

A cada dia que se passava, a resistência continuava forte, mesmo em meio aos gases lacrimogênios, que eram (e ainda são) ferramentas utilizadas pela polícia para dispersar manifestantes em protestos e manifestações contrárias ao governo vigente.

*E basta contar com passo
E basta contar consigo que a chama não tem pavio
De tudo se faz canção e o coração na curva de um rio*

A arte, muito mais que bela, é também uma forma de expressão das emoções e das convicções dos seus artistas. E foi exatamente ela que salvou muitas pessoas da depressão e do medo durante a Ditadura Militar. Assim, Márcio Borges escreveu que *de tudo se faz canção*. A ideia aqui transmitida é de que a música é como um quadro em que podemos pintar qualquer paisagem e imaginar um futuro melhor, mais livre e igualitário. Ao final, há ainda uma referência ao *coração na curva de um rio*. É também uma metáfora para a confusão e o desespero daqueles que não concordavam com a política dominante na época.

*E o rio de asfalto e gente
Entorna pelas ladeiras
Entope o meio fio
Esquina mais de um milhão
Quero ver então a gente gente gente*

Apesar de haver muita repressão dos militares, **várias pessoas ainda se reuniam para compartilhar as suas ideias e combinar formas de resistência política**. Afinal, tinha-se muito o que combater: o alto preço dos produtos, a crise tributária, a redução dos direitos dos trabalhadores, a falta de liberdade de expressão, entre muitas outras causas. Esses manifestantes, que tiveram muita coragem e determinação, são representados em *Clube da Esquina II* pela metáfora do *rio de gente que entorna pelas ladeiras e entope o meio fio*.



Movimento Diretas Já / Créditos: Divulgação

Ao final da música, podemos perceber que Márcio Borges e todos os integrantes do Clube da Esquina expressam claramente o seu apoio a todos esses movimentos que eclodiram no Brasil, ao cantar: ***Quero ver então a gente gente gente***. Mais uma vez, a repetição é uma estratégia usada para dar força a uma mensagem. Só que, nesse caso, é um reforço àqueles que, sem o apoio dos poderosos, conseguiram se manter firmes, pela união do povo.

O Trem Azul

Lô Borges

Coisas que a gente se esquece de dizer
Frases que o vento vem às vezes me lembrar
Coisas que ficaram muito tempo por dizer
Na canção do vento não se cansam de voar
Você pega o trem azul
O sol na cabeça
O sol pega o trem azul
Você na cabeça
O sol na cabeça
Você pega o trem azul
O sol na cabeça
O sol pega o trem azul
Você na cabeça

O Trem Azul e a simbologia de signos

A Astrologia (muitas vezes chamada de pseudociência) é tão presente e viva como um raio de Sol, mesmo que passe por uma pequena fresta na janela irá iluminar gradualmente o ambiente antes escuro. O mesmo ocorre com a Astrologia, com sua riquíssima linguagem simbólica consegue iluminar a compreensão deste movimento constante que é a Vida e se faz presente de várias maneiras. Como nesta música de Lô Borges, aonde podemos reconhecer a simbologia do signo de Áries. Esta canção hippie apareceu no disco *Clube da Esquina* (1972), gravado em parceria com Milton Nascimento. O que seria o trem azul? Uma viagem pelas ferrovias interioranas mineiras, uma viagem por algum barato, uma curtição ecológica (vento, estrada, sol, voo) ou a roda da vida? "O Trem Azul" traz aquela sonoridade mineira, assumidamente pop-rock de fácil assimilação, mas que pode se transformar em obra-prima, como o registro chapante de Elis Regina (1982), cujo último show teve essa música como tema. Tom Jobim gravou a canção no disco *Cais* (1989), de Ronaldo Bastos. Anos mais tarde, o maestro registrou a canção em inglês com o nome "Blue Train" em seu último álbum *Antonio Brasileiro* (1994).

O Trem Azul (Lô Borges)

“Coisas que a gente se esquece de dizer”

Áries anuncia a chegada de um novo ciclo de 12 estágios representado pelo Zodíaco, sendo ele o primeiro deles. Todo início traz em si a síntese do ciclo anterior, por isso, Áries possui alguns traços piscianos: é um pouco desligado do ambiente em torno, pois o que está pulsando no seu

íntimo é mais vivo do que o mundo a sua volta. (*coisas que a gente se esquece de dizer*) Age e se esquece de dizer sua real intenção, sua decisão, de comunicar a nova direção. Se esquece de finalizar o que iniciou, de dizer obrigado, por favor, sinto muito. Se esquece de olhar para outro e de esclarecer o que foi mal compreendido. Para o poeta, num instante, o presente vira passado e por isso mesmo não é mais importante. Ele está ligado no que está por vir.

“Frases que o vento vem as vezes me lembrar”

Seu coração recém desperto do silêncio pisciano anseia para se aventurar neste novo amanhecer do ciclo da vida. Por esta conexão íntima com sua alma intui qual direção deve seguir para encontrar seu próprio caminho no mundo. Embora tenha uma vaga noção de quem realmente é, possui a coragem de se lançar no desconhecido para se descobrir. Ele está pronto para a ação e uma leve brisa (*frases que o vento vem as vezes me lembrar*) pode despertar sua natureza impulsiva.

“Coisas que ficaram muito tempo por dizer Na canção do vento não se cansam de voar”

A todo instante, novos impulsos o movimentam para conquistar o que quer (*coisas que ficaram muito tempo por dizer*). O poeta pega as ideias do ar, sua mente é uma fonte de novas ideias que surgem espontaneamente do seu íntimo. Dentre os 12 signos ele é o pioneiro e, por isso mesmo, o mais criativo. Suas inspirações (*Na canção do vento não se cansam de voar*) provem do silêncio grávido de movimentos do signo de Peixes, seu antecessor.

“Você pega o trem azul, o Sol na cabeça”

Áries é um signo luminoso, é o primeiro do elemento fogo. Simboliza a força da Vida sempre triunfante, em constante renovação. Tem a força das locomotivas que puxam os vagões para avançar nos trilhos. Possui uma natural liderança pelo fato de saber claramente o que quer decidindo prontamente a nova direção (*Você pega o trem azul*) para promover a continuidade do movimento. Seu querer brota no coração e por isto é espontâneo, pleno de esperança, entusiasmo, ousadia, alegria e coragem. Quando sentimos o querer com estas qualidades estamos em contato com esta energia ariana que todos trazemos em nós, em graduações diversas. Naturalmente surge a disposição para agir, para se mover nesta direção e a conquista está praticamente assegurada. A clareza e a energia que temos ao nosso dispor nestes momentos é como um *“Sol na*

cabeça” irradiando sua força poderosa de Vida, fortalecendo o coração e gerando atitude.

“O Sol pega o trem azul, você na cabeça”

Em Áries inicia, astrológicamente, um novo ano. O Sol irá percorrer todos os 12 signos do Zodíaco renovando a vida em seu constante movimento (*O Sol pega o trem azul*). Nestes dias em que o Sol está em Áries, pela própria força deste signo, podemos dar um impulso a algo novo que queremos conquistar. Para isto precisamos manter em nossa mente o que queremos de uma forma viva, clara, (*Você na cabeça*) e vivenciar em nosso coração a alegria espontânea da criança comemorando com entusiasmo as conquistas diárias, mesmo que pequenas!

(por Cristine Essinger)

ANÁLISE DA MÚSICA "PAISAGEM NA JANELA", 1972 DE LÔ BORGES E FERNANDO BRANT

Por Givas Demore

Paisagem na janela

(Lô Borges / Fernando Brant)

Essa canção faz parte do álbum *clube da esquina*, lançado pela EMI-Odeon em 1972. Brant integrava o clube da esquina, como letrista... Quando essa canção foi lançada ele tinha cerca de 26 anos. Ela é fruto de uma parceria entre Lô Borges e Fernando Brant. A melodia é de L. Borges e a letra de F. Brant.

“Da janela lateral do quarto de dormir

Vejo uma igreja, um sinal de glória

Vejo um muro branco e um voo pássaro

Vejo uma grade, um velho sinal”

Fernando Brant, autor da letra, relembra, segundo a revista folha de São Paulo, 8 de abril 2002: "*Compus essa música quando ainda morava na casa dos meus pais, em Belo Horizonte*".

Brant faz uso da metalinguagem para falar de si mesmo dentro da canção. A canção é reflexo da realidade de Minas Gerais vivida pelo compositor, que era jornalista/repórter da revista “O cruzeiro” (de 1969), aos 22 anos. Brant revela que esses primeiros versos são resultado de sua

observação do quarto de sua casa no bairro dos funcionários em BH. No seu ambiente de descanso e relaxamento, ele vê: *uma igreja* — que segundos sua afirmação é símbolo cristão, sinal que remete a Deus. Era a igreja de Lourdes —; *um muro, pássaros voando, uma grade* — que pode ser da janela — e; um *velho sinal*. Brant se revela como observador que vê, contempla e descreve a paisagem urbana. Toda a composição é desenvolvida, supostamente, de dentro do seu quarto. A partir de seu quarto ele realiza narrativas e tece predicados, sobre si mesmo, que revelam sua percepção da vida, do momento e da paisagem.

“Mensageiro natural de coisas naturais

Quando eu falava dessas cores mórbidas

Quando eu falava desses homens sórdidos

Quando eu falava deste temporal”

O autor faz uma autorreflexão sobre seu contexto, sobre a sociedade e a realidade da época (1972). Aqui começa a imaginação, a recordação e a narração metafórica. Brant era repórter da revista “O cruzeiro”. Uma das mais importantes do Brasil e da América latina. Essa revista lhe propiciou contato com as mais diversas realidades. Brant se coloca como *mensageiro* (repórter e letrista) das coisas que acontecem na vida cotidiana. Para ele, ser *mensageiro*, é algo nato dada sua profissão e seu amor pelo jornalismo, pela poesia e música. Ele é o *mensageiro* que fala a todos que “escutam” através de suas reportagens e de suas músicas. Quando ele expressa: *“quando eu falava”*, é provável que o autor se referisse a sua atividade como jornalista, como letrista. Ele, como jornalista, é o *mensageiro* dos diversos acontecimentos que rodeavam sua vida: coisas ruins, homens ruins e marginalizados e eventos da natureza estão dentro do contexto do momento. Brant, ao falar de si como *mensageiro natural*, parece aceitar muito bem sua profissão. *Cores mórbidas e homens sórdidos* podem fazer referência aos militares, governantes e ao contexto político de 1972, quando o Brasil vivia o regime militar que era visto pelo clube da esquina como algo terrível. Ressalta-se, assim, que temporais pode fazer referência a situação conflitante ocasionada pela ditadura militar.

“Você não escutou

Você não quer acreditar

mas isto é tão normal

Você não quer acreditar

e eu apenas era”

Através destes versos o autor revela sua preocupação social com a humanidade. Os homens, por estarem tão acostumados à violência, fome e demais atribulações, já cauterizaram sua mente. São indiferentes e despreocupados. Brant, que é *mensageiro*, já falou e fala, mas não querem acreditar porque ele é um simples mensageiro natural, ao que parece.

“Cavaleiro marginal

lavado em ribeirão

Cavaleiro negro que viveu mistérios

Cavaleiro e senhor de casa e árvores

sem querer descanso nem dominical”

Brant ao falar, mesmo que os homens não escutem, é, segundo ele mesmo, apenas um *cavaleiro marginal*, ou seja, alguém que vive nessa realidade triste, agonizante, mas não faz parte dela. A palavra *cavaleiro* tem sentido poético, metafórico, e pode significar uma luta para, através das *palavras*, denunciar as mazelas dessa realidade. *Lavado em ribeirão* denota o banho revigorante do cavaleiro que está em batalha. Brant se vê como um incansável *cavaleiro* que não descansa nem mesmo aos *domingos*. Ao se referir a si mesmo como *cavaleiro negro* o autor pode estar fazendo alusão ao fato de ter que compor suas músicas tendo que esconder suas convicções políticas devido a censura do regime militar. Brant assume a ideia de ser um *cavaleiro marginal*, que vive à *margem*, negro por ter que se “esconder” e revelar que assim quer e deseja ser. *Os mistérios* podem ser as coisas que o autor viveu ao realizar seu trabalho como jornalista, sob a censura do regime militar. Pois sabe-se que durante o regime a atividade jornalística sofreu grande represália e pressão por parte dos militares que queriam controlar todo o aparelho midiático.

“Cavaleiro marginal banhado em ribeirão

conheci as torres e os cemitérios

conheci os homens e os seus velórios

quando olhava da janela lateral

do quarto de dormir”

Ele é o *cavaleiro* que vive dentro dessa realidade de Minas Gerais, mas não faz parte dela, pois se coloca como *marginal*, revela que ele está imaginando, refletindo. A realidade é cruel. O autor revela que participa de fatos desagradáveis, mas que apesar de tudo se banha “*no ribeirão*” e não

se deixa abater pelas mazelas da vida mineira e realidade do país. O autor não revela o que seria esse ribeirão que lhe revigora as forças.

Neste último verso Brant revela que, através da janela de seu quarto, ele vê as *torres*, os prédios, — pois o bairro dos funcionários, no qual ele morava, era um bairro em construção e abrigava os funcionários públicos de Minas — os habitantes. De sua janela era possível ver um *cemitério*, onde se realizavam velórios, obviamente. Tudo isso enquanto ele olhava da janela do seu quarto, da janela lateral.

“O que nos força a pensar é o signo. O signo é objeto de um encontro; mas é precisamente a contingência do encontro que garante a necessidade daquilo que ele faz pensar. O ato de pensar não decorre de uma simples possibilidade natural; ele é, ao contrário, a única criação verdadeira. A criação é a gênese do ato de pensar no próprio pensamento”.

GillesDeleuze

Ao citar este texto, por favor, citar o autor.

História da música Paisagem da Janela de Lô Borges

Com uma letra que retrata as paisagens interioranas de Minas Gerais, a canção se tornou marca registrada de toda a música mineira, pela forma ilustrativa com que representa a vida do interior e a Igreja de Lourdes em Belo Horizonte.



Foto: Flávio Charchar

Paisagem da Janela nasceu como parte do álbum de estreia do Clube da Esquina, em 1972, que revolucionou a história da MPB Brasileira e lançou o grupo de músicos mineiros ao estrelato. A canção foi composta por Lô Borges e Fernando Brant, membros originais do grupo, e ganhou vida na voz do próprio Lô na primeira gravação da música para o álbum, se tornando uma das canções mais famosas do disco e de sua carreira.

Com uma letra que retrata as paisagens interioranas de Minas Gerais, a canção se tornou marca registrada de toda a música mineira, pela forma ilustrativa com que representa a vida do interior e a Igreja de Lourdes em Belo Horizonte, informação compartilhada pelo próprio Fernando Brant.

Segundo Brant, a inspiração para a canção veio enquanto observava a janela da casa dos pais no bairro dos funcionários, na capital mineira, e é reflexo da realidade de Minas Gerais vivida por ele, que era jornalista da revista “O cruzeiro” à época.

Uma parceria entre os amigos do Clube da Esquina

Apesar de ter composição e voz de Lô Borges, a música ganharia repercussão na versão de outro membro do grupo, o cantor Beto Guedes, numa gravação feita em 1983, mostrando a colaboração criativa que existiu sempre entre os amigos do clube de Santa Tereza. Assim como aconteceu com as composições do primeiro disco, a colaboração dos amigos em Paisagem da janela se mostrou duradoura, continuando muitos anos depois com novas versões da canção feitas por outros membros, como Milton Nascimento e Flávio Venturini. A química da amizade e a história musical do grupo também se refletem na canção, com um som e harmonia que retratam a realidade interiorana de Minas, ambiente que uniu o grupo de amigos e deu a inspiração para criarem suas músicas.

Repercussão da música e suas regravações

Ao lado de outros sucessos do disco, como “Tudo que você podia ser” ou “Um girassol da cor do seu cabelo”, Paisagem da janela se tornaria um clássico nacional, ganhando repercussão não só com o público brasileiro, mas também entre os artistas da música nacional, dada a quantidade de versões diferentes que a canção possui. Abaixo você pode conferir as vozes que deram seu toque à canção dos mineiros:

- Beto Guedes – Versão lançada em 1983;
- Milton Nascimento – Gravação ao vivo feita também em 1983;
- Flávio Venturini – Versão gravada em 1998;
- Elba Ramalho — Lançou sua gravação em 1995;
- Luiza Possi – Gravou a sua versão no CD Flores do Clube da Esquina, em 2008;
- Samuel Rosa — Cantou a música ao lado do próprio Lô Borges em uma gravação ao vivo em 2016;
- Michelle Leal — Também lançou a sua própria versão da música em 2015.

O hino do isolamento na pandemia

Não bastasse o sucesso comercial e popular, a canção ganharia repercussão nacional mais uma vez em um contexto totalmente diferente, fruto de uma ação solidária iniciada pelo próprio Lô Borges durante o período de

isolamento, vivenciado por todos, devido à pandemia da Covid-19. Em uma parceria com o laboratório Hermes Pardini, o cantor mobilizou as pessoas de todo o Brasil a gravarem suas versões da música olhando pela janela, registrando as diferentes paisagens de todo o país. O resultado foi um clipe colaborativo feito com 4 mil vídeos e fotos de pessoas cantando Paisagem da Janela, contando com participações dos 26 estados brasileiros e até de outros países, como Alemanha, França, Canadá e até Tailândia. Além do público, alguns artistas também registraram seus momentos na janela, como o Músico Rogério Flausino, do Jota Quest, e o jornalista Zeca Camargo. O videoclipe com as participações colaborativas ganhou bastante vulto, e foi lançado oficialmente nas redes sociais, sendo muito popular nesse período.

Breve análise da letra da canção

Apesar do aspecto bucólico que ilustra belamente a canção, a letra da música também reflete nas entrelinhas a situação política e social do Brasil da época, período em que o país vivia a ditadura militar, e comunica as opiniões dos artistas sobre a situação. O fato é sutilmente exposto em trechos como esse:

*“Mensageiro natural de coisas naturais
Quando eu falava dessas cores mórbidas
Quando eu falava desses homens sórdidos
Quando eu falava deste temporal”*

Metáforas com as expressões *“temporal”* e *“homens sórdidos”* podem ser interpretadas como comentários sobre o período e sobre os homens que estavam no poder, e a repressão que os artistas sofriam por conta deles. A mensagem geral, porém, ainda se manteve alegre e otimista, visto a recepção que a canção recebeu do público, que ainda hoje segue cantando trechos como o icônico:

*“Da janela lateral do quarto de dormir
Vejo uma igreja, um sinal de glória
Vejo um muro branco e um voo pássaro
Vejo uma grade, um velho sinal”*

Análise de Um Girassol da Cor de Seu Cabelo

Vento solar e estrelas do mar
A terra azul da cor de seu vestido
Vento solar e estrelas do mar
Você ainda quer morar comigo?

Se eu cantar, não chore não
É só poesia
Eu só preciso ter você
Por mais um dia
Ainda gosto de dançar
Bom dia
Como vai você?

Sol, girassol, verde, vento solar
Você ainda quer dançar comigo?
Vento solar e estrelas do mar
Um girassol da cor de seu cabelo

Se eu morrer não chore não
É só a lua
É meu vestido cor de maravilha nua
Ainda moro nesta mesma rua
Como vai você?
Você vem?
Ou será que é tarde demais?

A terra azul da cor de seu vestido
Um girassol da cor de seu cabelo

Se eu morrer não chore não
É só a lua
É seu vestido cor de maravilha nua
Ainda moro nesta mesma rua
Como vai você?
Você vem?
Ou será que é tarde demais?

O meu pensamento tem a cor do meu vestido.
Como o girassol que tem a cor do seu cabelo. (2x).
O meu pensamento tem a cor do meu vestido.
Qual o girassol que tem a cor do seu cabelo?

O meu pensamento tem a cor de seu vestido
Ou um girassol que tem a cor de seu cabelo

Um fim de semana comum na casa de parentes em Nova Era tinha gosto especial: era a primeira vez que os pais de Duca deixavam a garota viajar com Márcio, namorado recente. O parceiro de Milton Nascimento e irmão mais velho de Lô Borges nunca se esqueceu do encontro com a

“indiazinha” na rodoviária de Belo Horizonte, naquele sábado de 1970. “Ela estava radiante, os reflexos do sol dourando seus cabelos, muito simples, exalando frescor dentro de um minivestido de brim que realçava sua pele morena”, narra Márcio Borges em *Os Sonhos Não Envelhecem* (Geração, 1996).

Já no ônibus, o letrista deitou no colo da menina e olhou para o céu azul que fazia lá fora. Repassou mentalmente uma melodia de personalidade forte que o irmão Lô lhe mostrara dias antes. “Embalado pelo balanço do ônibus, entrei num devaneio”, conta. “Desses que fazem, de repente, uma nuvem tornar-se o perfil de um gigante ou, quando faltam nuvens, transformam o próprio céu num oceano profundo e silencioso, e se acaso uma ave no campo de visão, ela é adornada pelos recursos da imaginação com os atributos de um peixe voador ou os de um iate de velas içadas ao vento”.

Estavam prontos os versos de maior romantismo *non-sense* da música brasileira, que ele repetia em voz baixa, como um mantra: Vento solar e estrela do mar / a terra azul da cor de seu vestido / Vento solar e estrela do mar / um girassol da cor de seu cabelo.

Durante a viagem, na escrivaninha do quarto, Márcio terminou a letra de *Um Girassol da Cor de Seu Cabelo*. No percurso de volta à capital mineira cantou para Duca a música completa que se consagraria na voz hippie do parceiro, no antológico Clube da Esquina (1972). Duca Leal e Márcio Borges se casaram no mesmo ano do passeio, ela aos 16 e ele aos 24.

(LUAN BALL)